

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Antônio Spagnuolo Sanches**

**Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Cônego José Bento**

**Jacareí/SP**

**2021**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Júlia Naomi Kanazawa, Etec Cônego José Bento/Ceeteps, Jacareí, SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Antônio Spagnuolo Sanches, ex-aluno da década de 1970 do Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Júlia Naomi Kanazawa.

Local da entrevista: Residência de Antonio Sagnuolo Sanches, em São José dos Campos, SP.

Data: 6 de abril de 2021.

Técnico de gravação: Júlia Naomi Kanazawa.

Duração: 35 minutos e 34 segundos

Número de vídeos: 2 (dois)

Plataforma: Zoom

Transcritora: Júlia Naomi Kanazawa

Número de páginas: 14

## **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, capacitação Clube de Memórias XXXVI, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre fevereiro e abril de 2021. O entrevistado, Antonio Spagnuolo Sanches, foi ex-aluno da instituição escolar Cônego José Bento, na época em que a escola funcionou como Colégio

Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento, experienciou o sistema Escola-Fazenda e desempenhou funções na Cooperativa Escolar de Alunos; logo após a formação técnica ingressou no Instituto de Zootecnia; depois trabalhou na Viação Aérea de São Paulo, VASP, até se aposentar; segue trabalhando como administrador e é proprietário de um sítio, onde cria gado de corte e eucaliptos para venda.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 6, 7 e 8 de abril de 2021.

Nome da transcritora: Júlia Naomi Kanazawa

### **vídeo 1 (22 minutos e 35 segundos)**

**Julia Naomi Kanazawa (JNK):** Bom dia, seu Antônio!

**Antonio Spagnuolo Sanches (ASS):** Bom dia.

**JNK:** Obrigada por conceder a entrevista neste dia 6 de abril de 2021, terça-feira. Com certeza o seu depoimento vai contribuir para recuperar parte da história da instituição escolar Cônego José Bento e também pro projeto História Oral da Educação Profissional do Centro Paula Souza.

**JNK:** E, gostaria que senhor, então, começasse falando o nome completo, quando, onde nasceu, nome dos pais do senhor, a profissão deles e a naturalidade deles.

**ASS:** Meu nome é Antônio Spagnuolo Sanches. Eu nasci em Cafelândia no dia 13, Cafelândia, Estado de São Paulo, no dia 13 de abril de 1954. Meu pai José Antônio Sanches Garcia, e ele era fazendeiro, agricultor, também de Cafelândia, e minha mãe, Maria de Lurdes Spagnuolo Sanches, ela era do lar. Eu estudei no colégio primário no Colégio, e, Escola de Cafelândia, Grupo Escolar de Cafelândia, e também no Sagrado Coração de Jesus, onde fiz o quarto ano primário. O ginásio, eu fiz no Ginásio Valdomiro da Silveira em Cafelândia. O segundo grau fiz o Técnico Agrícola no Colégio Técnico Agrícola de Jacareí. E o curso superior eu fiz na PUC de São Paulo, na Universidade Católica de São Paulo, fiz curso de Economia.

**JNK:** O senhor ficou sabendo da escola agrícola como?

**ASS:** Eu, através do jornal O Estado de São Paulo, que na época tinha um suplemento, chamado Suplemento Agrícola, e eu sempre gostei muito da área de Agropecuária e sempre via esses suplementos. E, na época, ele era um suplemento semanal que trazia artigos sobre Agropecuária e trouxe um, uma matéria extensa sobre as Escolas Agrícolas na época no Estado de São Paulo, que era de Jacareí, São Manuel e Pinhal e eu me interessei bastante e tive o incentivo dos meus pais também.

**JNK:** E, quando o senhor ingressou, o senhor fez pelo exame de admissão? Era um vestibulinho?

**ASS:** Um vestibulinho, na época, né, que foi feita no próprio colégio. Quando nós, nós, a minha turma quando foi para fazer, nós estávamos preparados para fazer. E houve uma desistência grande e tinha um pessoal que vinha e que não veio para a escola e acabou que todo o pessoal que se inscreveu foi admitido e não foi necessário esse exame, mas tinha o exame sim.

**JNK:** E o senhor veio para a escola sozinho ou acompanhado dos pais do senhor?

**ASS:** Ah, a primeira vez que eu fui eu não conhecia esses lados aqui. Eu, eu tinha um tio que morava em São José dos Campos e como meu pai estava no..., tinha mudado iniciando um trabalho, esse meu tio me acompanhou na primeira vez, que foi justamente a primeira vez, foi quando eu fui fazer o vestibulinho. Foi a única vez que me acompanharam.

**JNK:** E depois, o senhor não retornava para casa dos pais? Temporariamente, retornava temporariamente ou semanalmente?

**ASS:** Eu ia pra casa praticamente quinzenalmente porque meus pais vieram morar em São José dos Campos, apesar de nós sermos de Cafelândia, eles se mudaram para São José Campos, eu estudava em Jacareí, então era bem fácil fazer visitas para eles, semanal, quinzenal, dependendo da atividade que estava na escola, eu tinha essa possibilidade.

**JNK:** Certo.

**JNK:** O senhor poderia falar um pouquinho da experiência do senhor no Colégio Agrícola? Os professores que o senhor lembra. As matérias que o senhor teve. Qual matéria que o senhor teve mais afinidade? O internato, né. Os trabalhos que realizavam. nossos professores.

**ASS:** Os, os, e, nós tínhamos de Português, a professora Maria Faria Paiva, Física; o professor Edson Anibal Guedes, que tinha apelido de Didi Gaiola, de Desenho, dona Marina Merque; Química, o Jair, o professor Jair Rezende; Educação Moral e Cívica, o professor Edson, ih, agora me falhou o sobrenome dele (risos); de Zootecnia, o doutor Caetano Bedaque; Pedro Assis Gasparela também deu aulas de Zootecnia; Indústrias Rurais, o doutor Raul Oliveira e também tinha o técnico Said Salim; Mecânica Agrícola, doutor Benedito Zan; e Agricultura, o doutor Arnaldo Leal.

**JNK:** O senhor se identificava alguma disciplina?

**ASS:** Também tivemos aulas de Economia com o professor Angeline e Escola-Fazenda, que o professor Angelini, também era o coordenador. Eu, eu tinha uma preferência pelas aulas técnicas. As aulas com mais praticidade. Não era uma dificuldade, não chegava ser uma dificuldade com, com as aulas propedêutica, mas as áreas de Agropecuária me encantavam mais, interesse maior.

**JMK:** Certo.

**ASS:** Muito maior.

**JNK:** O senhor aprendeu a dirigir trator na escola?

**ASS:** Na verdade quando eu cheguei na escola eu já sabia dirigir, já dirigi trator.

**JNK:** Certo.

**ASS:** Dirigi trator tudo, já tinha essa experiência, que meu pai tinha a fazenda e eu ajudava na fazenda e executava uma série de atividades também na fazenda ajudando, mas na escola e gente teve mais orientações, mais informações, de forma mais técnica e dirigimos trator sim. Arando terra, gradeando.

**JNK:** Mas, o senhor dirigia também pela cidade?

**ASS:** Não, na cidade não eu me lembro de ter saído com o trator. Talvez tenha ido alguma vez na feira. Agora eu me lembro, na feira, e nós íamos vender os produtos. E, algumas vezes fomos à feira com trator.

**JNK:** Eu gostaria que o senhor falasse da experiência na Cooperativa Escola, que o senhor desempenhou bastante, na época, em que o senhor estudou.

**ASS:** O projeto da Escola-Fazenda, que incluía a cooperativa, tem uma interessante e motivou muitos alunos. Ele era dividido em dois módulos: um que era a parte de Projeto Agrícola Orientado, onde os alunos faziam seus projetos e produziam para eles mesmo, com a cooperação da Cooperativa e pagando um percentual para Cooperativa daquilo que ele auferia, então; e a outra parte era o LPP, que era Laboratório de Prática e Pesquisa, que eram as aulas práticas, então, que eram ministrados, onde eram feitos os ensinamentos técnicos, de forma prática. Os alunos tinham uma semana no LPP e outra semana no PAO. Os projetos eram feitos em grupos e assim o grupo era dividido. Cada semana um estava em uma parte ou na aula prática ou no projeto cuidando dele. Na Cooperativa, eu participei da fundação da Cooperativa, eu fui tesoureiro, fui secretário e depois fui presidente da Cooperativa. Nós tínhamos um desenvolvimento muito grande e era um projeto muito interessante onde os alunos aprendiam na prática o que era o trabalho, a responsabilidade, fazer projeções, planejamentos, e ter a responsabilidade de cuidar de algo seu e o da escola também, que era uma prática também muito importante.

**JNK:** Na época algum professor orientava esses projetos?

**ASS:** Sim, na verdade todos os projetos eram... recebiam orientação de acordo com o professor que estava à frente daquela matéria. E, por exemplo, eu desenvolvi projetos de criação de codorna, criação de frangos de corte, né. E recebi orientação, tanto do doutor Caetano Bedaque quanto de outros professores, no caso Pedro Assis Gaspareli que foi professor também de Zootecnia. Nos davam orientação. Na parte de outros colegas, tiveram culturas de tomate e de outras hortaliças. Tinha o doutor Leal, Arnaldo Leal. E também tinha o professor Jorge, que apesar de não ter dado aula para mim, ele dava aula prática e seu Agripino, que também era um prático que orientava no desenvolvimento, então, na parte de desenvolvimento, então, e na parte de desenvolvimento de projetos de Industrialização Rural. O doutor Raul Oliveira também, então, nós tínhamos essa orientação.

**JNK:** Os insumos eram fornecidos pela escola?

**ASS:** Não, os insumos, alguma coisa podia ser fornecida pela escola. Existiam algumas, algumas situações que nós conseguimos financiamentos direto. Na época que eu estive presidente, conseguimos um financiamento uma loja agropecuária na cidade e ela fornecia os insumos como crédito e quando nós vendíamos a produção, fazia o pagamento.

**JNK:** Sim, mas existia a interferência bancária ou era diretamente com a Cooperativa?

**ASS:** Nessa época nós fazíamos diretamente, era uma coisa da Cooperativa e dos próprios cooperados. Foi uma coisa assim, foi uma negociação direta, que na época eu fiz com uma Loja Agropecuária que estava próxima do Mercado, aí de Jacareí, e ela fornecia rações, pintinhos. Algumas coisas nós comprávamos através da Cooperativa também com crédito direto com os fornecedores para pagar quando fosse finalizado o projeto. Até porque todos os projetos não eram de longa duração.

**JNK:** Certo.

**ASS:** Era um projeto de Criação de Corte, era mais rápido. Na época era 75, 80, 90 dias, no máximo, né. Hoje reduziu, mas na época era no máximo, no máximo 90 dias até antes. E outros projetos menores Produção e Criação de Coelho, Plantação de Tomate e Hortaliças, são projetos rápidos. Então, alguma coisa a escola também fornecia. Ela fornecia as instalações, né. E, por exemplo teve uma situação também na Criação de Porcos, que ela fornecia as matrizes e depois quando o aluno fazia o projeto devolvia as matrizes com algum animal a mais como um pagamento, digamos assim, para a escola.

**JNK:** Existia um período específico para o desenvolvimento dos projetos?

**ASS:** Não entendi, específico em que sentido?

**JNK:** Seria fora dos horários das aulas?

**ASS:** Os projetos eram desenvolvidos, nós tínhamos a aula teórica na parte da manhã, né, e na parte da tarde, nós fazíamos, nós cuidávamos desses projetos, tanto do que era o projeto de Produção Agrícola Orientado - PAO, que era produção nossa, quanto também as aulas práticas, o LPP. Nós tínhamos, como tínhamos aula, então, antes do início da aula, por exemplo, quem criava frango, foi o caso nosso, tinha que levantar mais cedo para deixar o frango tratado antes de ir para a aula. Então já providenciaram isso aí. Terminada a aula, aí, a aula teórica, na parte da tarde, nós íamos cuidar de limpeza e de outros tratamentos. Trabalhos maiores. O pessoal que fazia esses projetos tinha essa condição. Aula de manhã e prática, à tarde.

**JNK:** E eram todos cooperados?

**ASS:** Todos cooperados, todos os alunos eram cooperados, né, faziam parte da Cooperativa. Todos participavam de algum projeto de alguma forma, de produção e todos participavam das aulas práticas. E essas aulas práticas se destinavam a cuidar do próprio colégio, né, a cuidar das criações por exemplo, a criação de suínos da escola, que era uma coisa muito bem-feita, grande e com muita qualificação, com raças etc. Produzia a carne que era servida no refeitório. A parte de olericultura, tinha muita produção de verduras que vinham pro refeitório. Então os alunos produziam, participavam da produção. Também participava da parte ornamental, de cuidar dos jardins, da limpeza e tinha funcionários também, mas os alunos faziam isso de forma sistemática. Todo mundo participava.

**JNK:** O senhor foi aluno interno também?

**ASS:** Eu fui interno três anos que eu fiz aí de curso técnico, de 1970, 71 e 72. Eu fui internado.

**JNK:** E, os dormitórios eram onde hoje está a biblioteca? Acima, no andar superior da biblioteca?

**ASS:** Isso. Nós tínhamos dormitórios, eram dois dormitórios nesse prédio mais central, digamos assim, onde acho que tem o refeitório, não sei se continua no mesmo lugar, lá na parte superior. Eram dois dormitórios coletivos, né e teve uma época que aumentaram os alunos, também. Funcionou uma época um dormitório na parte da entrada principal, que é uma rua principal, mais no fundo, do lado esquerdo, foi um dormitório também uma época.

**JNK:** Certo.

**JNK:** Onde eram as salas de aula?

**ASS:** Não, as salas de aula elas tinham, nós tínhamos as salas de aula aí na parte de baixo desse, do prédio do refeitório, aí nós tínhamos as salas de aula. Aí, nós tínhamos salas de aula e tínhamos também nessa área, atrás do que eram as oficinas, ali a marcenaria. Lá atrás tínhamos mais algumas salas de aula também.

**JNK:** Certo.

**JNK:** Tem algum fato marcante que o senhor presenciou durante o tempo que o senhor estudou no colégio?

**ASS:** Eu tenho uma passagem assim que, pessoal, né. Quando eu era presidente da Cooperativa, que todo dia eu despachava com o Diretor, Dr. Clóvis Guimarães Passos. Eu tinha que despachar porque ele tinha que assinar documentação da Cooperativa também, né, para fazer o acompanhamento sobre gastos, requisições que tinha de pedidos, tudo. E eu me lembro bem o dia que eu cheguei na porta na sala dele estava com o Seu Jorge Abdalla e eu parei, né, aguardando ele. Não, e ele falou para mim: pode entrar, você é parte da direção. Aquilo para um jovem de 18 anos foi uma coisa muito forte. Afinal, me senti muito feliz, muito orgulhoso, muito honrado, com uma coisa bonita. Isso eu nunca me esqueci, desse tratamento que ele me deu.

**JNK:** E, depois que o senhor se formou seu Antonio, o senhor foi trabalhar?

**ASS:** Quando eu me formei, depois eu fui trabalhar na secretaria, eu fiz concurso, fiz um concurso para Instituto de Zootecnia e outro para o Instituto de Economia Agrícola, que eram concursos próprios para técnicos. E, na época eu tive a sorte e fui aprovado nos dois e eu optei no Instituto de Zootecnia, da Secretaria da Agricultura, que na época funcionava em São Paulo, na cidade de São Paulo, no Parque Fernando Costa, também chamado Parque da Água Branca. E eu trabalhei lá na Instituto de Zootecnia, na seção de suinocultura, onde nós desenvolvíamos vários projetos de pesquisa na área de Suinocultura. E depois, o Instituto Zootecnia mudou; foi transferido para a Nova Odessa e eu, nessa época, já estava fazendo o meu curso superior, então eu não acompanhei o Instituto e fui transferido para a Delegacia Agrícola de São Paulo, que funcionava também na Água Branca. Aí, fiquei pouco tempo e eu já fazia o curso de Economia. E fui trabalhar. Aí eu fiz um teste e passei lá na VASP, Viação Aérea de São Paulo e fui trabalhar na VASP.

**JNK:** E, depois que o senhor trabalhou na VASP?

**ASS:** Eu trabalhei na VASP por mais de 30 anos e me aposentei na VASP também, né. E, na época que estava na VASP, a VASP estava no período de expansão e adquiriu empresas no Equador e adquiriu também Lloyd Boliviano, na Bolívia, e eu fui trabalhar na Bolívia. Fiquei lá quase oito anos, onde era Diretor da empresa e também fui Gerente geral da empresa, na Bolívia. Retornei ao Brasil, fiquei VASP, aposentei e fui aí prestar algum serviço de consultoria e também fui trabalhar na Webjet no desenvolvimento e implantação na área e faturamento e controle da receita.

**JNK:** E o senhor continuou trabalhando?

**ASS:** Sim, eu nessa época, depois, eu constitui uma empresa de prestação de serviços de Consultoria e também de prevenção de fraudes na venda de cartão de crédito para serviços. Prestamos serviços para a Webjet e Passaredo por algum tempo; depois eu parei de trabalhar com eles e me associei com o meu filho no ramo odontológico, que ele é dentista, e eu fui fazer parte de administração. E nós constituímos cinco Clínicas Odontológicas, duas em São José dos Campos, duas em Taubaté, e uma em São Paulo. E, também, quando eu entrei na VASP, logo depois, eu iniciei também um projeto Agropecuário, com aluguel de terras e compra e venda de gado. E, depois, eu comprei um terreno, meu Sítio que formei, um sítio e tenho até hoje, onde tenho a Produção de Gado e Eucalipto. (Pausa)

**JNK:** E o senhor produz pra venda, o gado?

**ASS:** Sim, já tivemos lá várias atividades, tivemos Produção de Leite. Chegamos a ser o terceiro maior produtor da região com um gado de muito boa qualidade. E hoje nós, com a dificuldade de mão de obra que vem se enfrentando hoje em dia, nós optamos pelo Gado de Cortes. Então, nós temos Produção de Bezerros, vendemos bezerros, e temos Eucaliptos também, tudo para venda.

**JNK:** Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

## **vídeo 2 (12 minutos e 59 segundos)**

**ASS:** Os trabalhos que realizávamos, nós realizávamos todos os tipos de trabalho na escola, desde limpeza de pocilga, plantio de cana, ordenha, tratamento de animais, aplicação de vacinas, criação de frangos. Toda atividade rural, aração de terra tudo.

**JNK:** O senhor aprendeu a manipular com todos os instrumentos, arados?

**ASS:** Sim, sim todos eles.

**JNK:** Cultivadores?

**ASS:** Todos, eu como disse eu já tinha uma prática diferencial quando vim pra escola e aí eu aprimorei digamos assim, né, então todas as atividades agropecuárias eu sempre realizei e na verdade até hoje ainda realizo bastante delas.

**JNK:** A aração, é... o senhor fazia com animal ou somente a trator?

**ASS:** A aração mesmo aí na escola nós fizemos com trator. O que nós usamos chegamos a usar o riscador sulcador com animal e tinha uma mula na escola e chegamos fazer sulcar e riscar terreno para limpeza.

**JNK:** A mula tinha um nome...

**ASS:** Tinha (risos), mas eu não tô lembrado agora.

**JNK:** Não se preocupe, seu Antônio.

**JNK:** E... era comum na época do senhor os alunos serem apelidados também?

**ASS:** Ah, Tinha bastante apelido sim. Tinha bastante apelido, né.

**JNK:** O senhor tinha algum?

**ASS:** Eu tive, digamos assim, um pouco. A sorte que no primeiro dia de aula com professor Zan. Quando ele estava fazendo a chamada, chamando cada um pelo seu nome, ele falou meu nome, falou Antonio Spagnuolo Sanches. Spagnuolo dele saiu muito, muito forte, né, que é o Spagnuolo, que é Spagnuolo, que é a forma de italiano falar, né, e ficou o Spagnuolo, foi o que prevaleceu.

**JNK:** Certo.

**JNK:** Hoje ainda os alunos carregam certos apelidos, como por exemplo Ubatuba..

**ASS:** Ah, tem. Nós temos muitos deles, que as pessoas, às vezes, não se lembram mais do nome. Ubatuba, Ursão, Micuim, e, Ratinho, né. E, e muitos outros aí, né, que o pessoal, ficou. E meu que ficou mais forte foi o Spagnuolo, o Spagnuolo.

**JNK:** Certo.

**JNK:** Vocês tinham possibilidade de sair uma vez por semana da escola?

**ASS:** Nós, no final de semana era permitida todos os alunos, de maneira geral, tinha uma ficha de saída que autorizava, assinava um livro, podia sair depois das atividades. Normalmente nós tínhamos atividade até no sábado a meio-dia, uma hora, né, e depois podíamos sair e retornar, ou na segunda, antes da aula, que era 7, ou no domingo à noite, isso no geral se podia. E também, durante a semana, era uma, aí era uma, uma ajeitada com o inspetor que a gente tinha, que ele liberava para sair para ir dar uma volta na praça, aí, fazer um lanche, às vezes até ir no cinema. E aí, era uma uma uma autorização pessoal que era dada.

**JNK:** Certo, mas não era permitido?

**ASS:** Não, tanto que ela era permitida. Aí vinha uma questão do inspetor, que ele ficava se o aluno estava, não tinha mau comportamento, indisciplina, etc, e aí, funcionava um pouco do jeitinho brasileiro.

**JNK:** Certo.

**ASS:** De chegar de conversar. Particularmente nunca tive restrição e a maioria não teria restrição, salvo alguns pequenos problemas. Que todos que pediram para sair podiam sair, dificilmente não saía, exceto quando o aluno saía que tinha que voltar, tinha horário de retorno até 22, com alguma permissão até 23. Tinha aluno que extrapolava e aí, o inspetor não dava mais essa autorização porque ele nunca cumpria.

**JNK:** Certo.

**JNK:** O senhor se lembra da disciplina de Topografia ou Desenho Técnico?

**ASS:** Nós não. No meu curso, nós não tivemos essa matéria.

**JNK:** Certo.

**ASS:** Como Topografia, nós não tivemos, foi comentado em Agricultura que existia topografia, tal, mas a disciplina em si não existia.

**JNK:** Ou Desenho Técnico, Desenho Topográfico.

**ASS:** Não, não tivemos.

**JNK:** Certo. Nada relacionado com essas matérias.

**ASS:** Não, não tivemos.

**JNK:** As refeições vocês faziam, que tipo de refeições?

**ASS:** Café da manhã, que era basicamente café com leite, pão com margarina. Depois tínhamos o almoço, arroz, feijão e uma carne, e uma outra guarnição. Tínhamos um lanche da tarde, que era um pãozinho também com margarina, e à noite, o jantar que tinha o arroz, feijão, às vezes um macarrão, uma carne, uma guarnição. Esse era o básico... do Refeitório.

(Pausa, pois esqueci que o microfone estava desligado)

**ASS:** Professora?

**JNK:** Seu Antônio?

**ASS:** Oi.

**JNK:** Nos dormitórios, eh, não tiveram nenhum tipo de problemas?

**ASS:** No dormitório no geral não. Nós tivemos uma, uma vez, uma ocorrência que houve realmente, uma, uma bagunça no dormitório, foi praticamente quase que uma depredação de camas, colchões, que eu sinceramente não saberia dizer quem foi que iniciou, mas eles iniciaram uma gritaria, começaram a jogar travesseiro e entraram alguns alunos que chegaram tarde gritando e fazendo uma algazarra e começaram uma prática, mas até hoje não entendi porque, praticamente uma rebelião, e jogando para baixo, nessas escadas. Tem aí, e eu me lembro que eu mais um, uns três alunos, pegamos uns colchões desse, fomos para sede da Cooperativa, que é era a primeira sala embaixo, aí no prédio da administração, entrando na parte interna, a primeira sala, e ficamos lá para evitar qualquer confusão mais, mas houve realmente, dessa vez esse, esse incidente, vamos chamar talvez.

**JNK:** Quanto às camas, eram beliches?

**ASS:** Eram todos beliches, todos beliches.

**JNK:** As roupas?

**ASS:** Cada um tem obrigação de levantar e arrumar sua cama também.

**JNK:** Certo.

**JNK:** As roupas de cama, vocês é que levavam?

**ASS:** Nós que levamos roupa de cama, cada um. O colégio fornecia alguns cobertores, mas cada um podia levar o seu também e usar mais um da escola, não tinha problema, e a escola tinha a lavanderia que a gente levava para lavar, tanto roupa de uso pessoal quanto a as roupas de cama.

**JNK:** Certo.

**ASS:** Todas eram marcadas com o número, que era designado um armário quando se entrava na escola, cada recebia um armário com número e aquele número acompanhava o aluno até o final do curso, e o número era carimbado nas roupas também.

**JNK:** Certo.

**JNK:** E, o senhor se lembra da Biblioteca da escola?

**ASS:** Não. (Risos)

**JNK:** Não frequentava?

**ASS:** Não, não me lembro de frequentar a Biblioteca. E, não me lembro nem se tinha, na verdade.

**JNK:** Certo, seu Antônio.

**ASS:** Porque, hoje onde é a Biblioteca.

**JNK:** Alí era o Refeitório.

**ASS:** Não, alí, alí era a Casa do Diretor. Ou onde você tem o Centro, o Centro de Memória.

**JNK:** Lá é a Casa do Diretor.

**ASS:** Isso, onde é o Centro de Memória é a Casa do Diretor. Não sei se a Biblioteca está lá também ou não.

**JNK:** A Biblioteca está lá, logo que entrava para os dormitórios e eu creio que onde era o Refeitório, na época do senhor.

**ASS:** Não, o Refeitório, ele tinha a entrada dele era de frente para o campo de futebol.

**JNK:** Certo. Ainda existe essa entrada.

**ASS:** Ah, sim, mas eu não me lembro, não tô lembrado.

**JNK:** Não se preocupe.

**JNK:** Se tiver alguma coisa mais para falar, fique à vontade. Seu Antônio, de qualquer forma eu agradeço a entrevista que o senhor me concedeu e se o senhor tiver alguma coisa a mais para falar, fique à vontade.

**ASS:** Eu que agradeço a consideração em me convidar para essa entrevista porque é, poder falar um pouco de um tempo muito marcante, muito importante nas nossas vidas, né, todos nós, nós realizamos reuniões anuais, encontro de Agricolinos. E, todos nós, temos uma gratidão muito grande pela nossa passagem pelo colégio de Jacareí. Foi muito importante, nos ajudou na formação, na época, nós temos, recebemos, digamos, a

cumplicidade dos professores, dos funcionários, em nos acompanhar no desenvolvimento daqueles jovens que éramos naquela época. Então, a escola foi muito importante e trabalhar na escola era algo que eu acho que só dignifica e fez bem. Hoje em hoje dia, tem informação que os alunos não podem mais participar, fazer nada em aulas práticas, tal, porque é considerado trabalho escravo tudo, que absurdo, absurdo! Porque na hora que alguém tá estudando alguma coisa técnica, tem que ter a possibilidade de aprender executando. E a escola, não conheço, os alunos sempre ganhou, a grande maioria dos alunos que passaram na nossa época tiveram um desenvolvimento de vida pessoal profissional muito bom e todos devem muito à essa escola, que ajudou a formar e nos deu oportunidade, e foi muito boa. Então, somos muito gratos. E agradeço mais uma vez a sua oportunidade que concede para dizer tudo isso.

**JNK:** Muito obrigada.

### **Descritores**

Antonio Spagnuolo Sanches

Julia Naomi Kanazawa

Centro de Memória

Internato escolar

História oral na educação

Empreendedores

Refeitório escolar

Agropecuária

Biblioteca

Topografia

Desenho Técnico

Escola Técnica Estadual Cônego José Bento

Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento

Sistema Escola-Fazenda

Cooperativa Escola

Gado de corte.

### **Dados Biográficos do Entrevistado**



**Antonio Spagnuolo Sanches**, natural de Cafelândia, São Paulo, nasceu no dia 13 de abril de 1954. Estudou no Grupo Escolar de Cafelândia e, também, no Sagrado Coração de Jesus, onde fez o quarto ano primário; cursou o ginásio no Ginásio Valdomiro da Silveira, em Cafelândia; e formou-se Técnico em Agropecuária no Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento; fez o curso superior em Economia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Após a sua formação no Colégio, ingressou no Instituto de Zootecnia; depois trabalhou na Viação Aérea de São Paulo, VASP, onde se aposentou. Depois que se aposentou abriu uma empresa de Consultoria; associou-se com seu filho e abriu Clínicas de Odontologia; e possui um sítio, onde cria gado de corte e planta eucaliptos.

#### **Dados Biográficos da Entrevistadora**



**Júlia Naomi Kanazawa**, nasceu em Jacareí, São Paulo, no dia 7 de julho de 1963. Formou-se em Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis; fez Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo; e atualmente, é Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Atua como Docente na Etec Cônego José Bento/Jacareí/SP e como professora Coordenadora de Projetos no Centro Paula Souza, onde desenvolve projetos de Memórias

e História da Educação Profissional e Tecnológica. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica – GEPEMHEP.

**Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):**

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Antonio Sapgnuolo Sanches.

Termo de Autorização para uso de Imagem de Antonio Sapgnuolo Sanches.